

A URGÊNCIA DA PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL NO MS O caso da Usina “Assucareira” Santo Antônio

THE URGENCY OF PRESERVING
INDUSTRIAL HERITAGE IN MS
The case of Usina “Assucareira” Santo Antônio

Vivianne Maria de Freitas¹

Resumo

Este estudo analisa a Usina “Assucareira” Santo Antônio como patrimônio industrial de Mato Grosso do Sul, abordando sua história, arquitetura, estado de conservação e necessidade de preservação. O objetivo é compreender suas transformações e os desafios para sua manutenção. A metodologia adotada utiliza revisão bibliográfica e análise documental. Os resultados indicam perda de elementos arquitetônicos e degradação devido à falta de intervenções adequadas. Conclui-se que a preservação desse patrimônio é essencial para a memória regional, exigindo políticas públicas e conscientização para garantir sua permanência.

Palavras-chave: patrimônio industrial, Usina Assucareira Santo Antônio, preservação, restauro, Mato Grosso do Sul.

Abstract

This study analyzes the Usina “Assucareira” Santo Antônio as an industrial heritage site in Mato Grosso do Sul, exploring its history, architecture, conservation status, and the need for preservation. The objective is to understand its transformations and the challenges of its maintenance. The methodology includes bibliographic review and documentary analysis. The results indicate the loss of architectural elements and degradation due to the lack of proper interventions. It is concluded that preserving this heritage is essential for regional memory, requiring public policies and awareness to ensure its permanence.

Keywords: industrial heritage, conservation, restoration, Usina Assucareira Santo Antônio, Mato Grosso do Sul.

Introdução

O patrimônio industrial, enquanto segmento do patrimônio cultural, possui um caráter particularmente relevante para a compreensão das transformações econômicas, sociais e tecnológicas que marcaram a história do Brasil. Este patrimônio remonta à Revolução Industrial, quando o país, especialmente a partir do século XIX, começou a adotar as inovações tecnológicas e a expandir suas atividades industriais, deixando um legado material que, por meio de suas edificações, ilustra os avanços produtivos e a modernização da sociedade brasileira. As construções industriais históricas, que se estendem por diversas partes do território nacional, representam marcos fundamentais no processo de industrialização, sendo testemunhos diretos da adaptação da arquitetura e da engenharia aos novos paradigmas produtivos. Derrauau (1977, p. 28) caracteriza os espaços industriais e suas particularidades:

À atividade industrial está implícita a existência de um edifício de produção, normalmente a fábrica, que está associada a uma técnica, a um modo de produção. Esta atividade implica também a exploração de recursos energéticos e a criação de infra-estruturas e de edifícios de apoio, como bairros habitacionais.

Apresenta-se também relacionada com uma organização social específica, existindo um modo de vida industrial com horários, migrações diárias e concentração de pessoas.

As exigências específicas dos espaços industriais, bem como as questões de segurança, desenvolveram um tipo de arquitetura particular. Os materiais e sistemas de construção foram evoluindo a par da própria indústria e mostraram-se pioneiros no âmbito da engenharia e da arquitetura. Ao longo do tempo, esta atividade desenvolveu-se paralelamente à evolução tecnológica e foi-se fixando como parte integrante do sistema econômico, social e político, e delas estão dependentes estes parâmetros da sociedade, entre outros (Derrauau, 1977, p. 28).

No Brasil, a preservação do patrimônio industrial histórico tem sido um desafio contínuo, principalmente considerando a rápida urbanização e a constante transformação do espaço urbano e rural. Muitas dessas edificações, como fábricas, usinas, armazéns e ferrovias, desempenharam papéis centrais na configuração das cidades e na estruturação da economia nacional, principalmente nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste, onde se concentraram as primeiras atividades industriais. A relevância dessas construções não se limita ao seu valor arquitetônico, mas também à sua função social e econômica, que reflete a história do trabalho, da produção e das transformações tecnológicas no país. Cossens (1978) enfatiza o potencial de reutilização dos edifícios industriais históricos para funções contemporâneas, como espaços culturais, habitação, escritórios, hospedagem e atividades turísticas. Além disso, destaca a possibilidade de sua conversão em museus dedicados à ciência e tecnologia ou, quando viável, a preservação in situ, assegurando a integridade das relações espaciais e funcionais originais. Essas iniciativas não apenas contribuem para a revitalização de áreas degradadas, mas também garantem a permanência do valor essencial desses bens, seja em termos de sua arquitetura, tecnologia ou paisagem, promovendo sua integração ao contexto atual sem comprometer sua essência histórica.

Em Mato Grosso do Sul, o patrimônio industrial histórico se encontra intimamente ligado à história do desenvolvimento agrícola e industrial do Estado. De acordo com Freitas (2022), as primeiras edificações industriais que surgiram na região, sobretudo a

¹ Mestranda em Turismo e Patrimônio pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP, em andamento) e Arquiteta e Urbanista pela Centro Universitário Unigran Capital (Unigran Capital, 2022).



partir do final do século XIX e início do século XX, são representantes desse processo de transformação e de inserção da economia local em um contexto mais amplo de produção agrícola e industrial. A preservação dessas edificações não apenas valoriza a história do desenvolvimento regional, mas também permite uma reflexão sobre os impactos sociais e ambientais gerados pelas atividades produtivas que ali ocorreram.

O patrimônio industrial de Mato Grosso do Sul é composto por edificações que, embora muitas vezes relegadas ao esquecimento ou à deterioração, são importantes marcos de uma época em que a região se consolidou como parte do processo de modernização do Brasil. Freitas (2022) cita que um exemplo significativo desse patrimônio é a Usina "Assucareira" Santo Antônio, localizada em Miranda. Construída em 1929, a usina representa uma das mais antigas e expressivas instalações industriais do Estado, sendo um dos primeiros exemplos de industrialização da produção de açúcar na região. Suas características arquitetônicas, com traços típicos das construções industriais da época, revelam a adaptação das edificações às necessidades da produção, incorporando a funcionalidade e a simplicidade que marcaram as construções desse tipo.

A Usina Assucareira Santo Antônio foi tombada como patrimônio histórico por meio do Decreto nº 12.391, de 13 de agosto de 2007, e inscrita no Livro do Tombo Histórico do Estado de Mato Grosso do Sul. Esse reconhecimento formal não apenas valida sua importância histórica, mas também estabelece um compromisso com a preservação de um elemento vital da memória industrial e da história da região. O tombamento da usina destaca sua relevância cultural e arquitetônica, indicando a necessidade urgente de implementar medidas de conservação para evitar sua deterioração e assegurar sua continuidade como um importante testemunho da história econômica de Mato Grosso do Sul.

A preservação do patrimônio industrial histórico é uma forma de valorizar e entender a evolução do processo produtivo e os impactos dessa transformação no espaço urbano e rural. Essas edificações não são apenas testemunhas do passado, mas também instrumentos de educação histórica e cultural, que permitem a reflexão sobre a história da industrialização e a preservação de um legado que, ao ser conservado, contribui para o fortalecimento da identidade cultural e histórica da região e do país. Este artigo tem como objetivo analisar as características arquitetônicas da Usina Assucareira Santo Antônio, destacando sua relevância dentro do patrimônio industrial. Além disso,



busca-se compreender os aspectos construtivos, estilísticos e funcionais que a tornam um bem cultural de grande valor histórico. A pesquisa também enfatiza a importância da preservação desse patrimônio como parte integrante da memória e identidade local.

O patrimônio industrial em Mato Grosso do Sul

O patrimônio industrial de Mato Grosso do Sul representa uma parte essencial da história do estado, refletindo sua trajetória econômica e social. Essas construções e estruturas estão ligadas ao desenvolvimento da agroindústria, da mineração, do transporte ferroviário e da produção energética. Preservá-las é fundamental para compreender a modernização da região e a formação de suas cidades. A industrialização no estado teve início no final do século XIX e começo do século XX, impulsionada pela ferrovia Noroeste do Brasil (NOB), que conectou Mato Grosso do Sul a outras regiões do país, facilitando o transporte de produtos e incentivando a criação de usinas, fábricas e galpões (Oyamada; Lima, 2015, p. 75). O crescimento industrial se espalhou por cidades como Corumbá, Campo Grande, Aquidauana e Três Lagoas, estimulando setores como a mineração, a produção sucoalcooleira e o beneficiamento de carne e couro.

As edificações industriais sul-mato-grossenses possuem características marcantes, como o uso de tijolos maciços, madeira de lei e estruturas metálicas. Muitas delas foram erguidas próximas a ferrovias e rios, seguindo uma organização espacial funcional, com espaços amplos para acomodação de maquinários e trabalhadores. Algumas construções incorporaram influências arquitetônicas como o *Art Déco* e o *Ecletismo*, refletindo o contexto da época (Freitas, 2022, p. 3).

Ao longo do tempo, diversas indústrias foram desativadas devido a mudanças tecnológicas e econômicas, levando ao abandono de muitas dessas edificações. No entanto, algumas delas foram reconhecidas como patrimônio cultural e tombadas para garantir sua preservação.

Atualmente, Mato Grosso do Sul conta com um número significativo de bens industriais tombados, que ajudam a preservar a memória e a história da industrialização do estado. Entre os mais notáveis está o Complexo Ferroviário de Campo Grande, que

Figura 2 - Torre central. Fonte: Alison Campos, 2023.

Figura 3 - Paredes em tijolos maciços e pedra. Fonte: Alisson Campos, 2023.



incliui a antiga estação ferroviária e as oficinas da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil. Esse conjunto arquitetônico foi fundamental para o crescimento da cidade e teve papel decisivo no desenvolvimento do transporte ferroviário e na integração do estado com o restante do país. Outro importante patrimônio é a Usina Assucareira Santo Antônio, localizada em Miranda, fundada em 1929, que foi crucial para o desenvolvimento do setor sucroalcooleiro da região (Freitas, 2022, p. 2). Esta usina, que operou por cerca de cinquenta anos, é um marco da economia local e ainda preserva características arquitetônicas significativas, como sua chaminé e a estrutura de galpões. Em Corumbá, destaca-se a Usina Termelétrica, um importante marco da industrialização local, que fornecia energia tanto para a cidade quanto para a ferrovia, refletindo a estreita relação entre a produção de energia e a indústria na época. Também em Corumbá, o patrimônio industrial inclui a Fábrica de Cimento Itaú, que foi uma das principais indústrias de cimento da região, vital para a construção civil e para o crescimento urbano local. Mais recentemente, a Padaria Cuê, localizada em Porto Murtinho, foi tombada como patrimônio histórico e cultural do estado. Fundada no início do século XX, essa padaria, que atualmente funciona como museu, representa uma das mais antigas e tradicionais indústrias de pequeno porte da região. Ela simboliza o comércio e a produção local de alimentos e é um exemplo do papel das pequenas indústrias na formação da economia sul-mato-grossense. Seu tombamento como patrimônio visa preservar a memória de uma atividade histórica, agora ressignificada como um espaço cultural.

A história por trás do patrimônio: Usina Assucareira Santo Antônio

A Usina Assucareira Santo Antônio (Figura 1) foi fundada em 21 de julho de 1929, na cidade de Miranda, Mato Grosso do Sul. Sua construção foi obra do imigrante italiano Pedro Paletto, que atuou sob a orientação de sócios locais, entre eles Antônio Ferreira Cândido, José Theófilo de Araújo, Egino Guedes e Francisco e Angelo Rebuá. A instalação foi erguida em uma área de 4,8 mil metros quadrados, tendo como principal objetivo a produção de açúcar e álcool a partir da cana-de-açúcar cultivada na região (Freitas, 2022, p. 2). A usina se consolidou como um dos pilares econômicos de Miranda, oferecendo empregos diretos e indiretos para a população local.

Durante seus cinquenta anos de operação, a usina tornou-se uma das maiores do estado, chegando a produzir cem mil sacos de açúcar por ano. Aproximadamente 400 pessoas trabalhavam nos canaviais, enquanto outras 40 eram responsáveis pela



operação das máquinas e outros serviços internos. A diversidade de trabalhadores era notável, com a presença de imigrantes russos, portugueses, japoneses, indígenas e outros, refletindo a importância da usina para a formação do tecido social e econômico local (Nascimento, 2021).

De acordo com a entrevista desenvolvida em vídeo por Nascimento, a produção de açúcar era alimentada pelas plantações de cana nos arredores de Miranda, e a usina também dependia de lenha proveniente das regiões vizinhas. Durante seu auge, a usina chegou a comprar cana de cinco diferentes canaviais, e com o esgotamento das plantações locais, passou a adquirir cana de chacareiros, impulsionando ainda mais a economia da cidade. A infraestrutura de suporte, como os encanamentos subterrâneos e o poço artesiano construído pelos imigrantes portugueses, era um reflexo do nível tecnológico presente na fábrica.

A ferrovia Noroeste do Brasil teve papel crucial no desenvolvimento da usina, tanto na aquisição de máquinas pesadas, como o alambique de cobre e as moendas de bronze, quanto na exportação dos produtos, que eram transportados para centros urbanos importantes, como São Paulo, Bauru e Santos.

A Usina teve diversos proprietários ao longo de sua história, mas, em 1972, encerrou suas atividades após a tentativa de modernização, quando foi comprada pelo proprietário da marca Açúcar União. Apesar dos investimentos em novos maquinários e tanques, a produção não atingiu os resultados esperados, levando ao fechamento definitivo da usina. Esse evento marcou o início de um período de declínio econômico para Miranda, com o sucateamento das instalações e a demissão em massa de trabalhadores (Nascimento, 2021).

Além do impacto econômico, a usina também deixou um legado cultural significativo para a população local. Uma das memórias mais marcantes para os trabalhadores era a cota de açúcar que recebiam ao final de cada jornada, simbolizando a conexão entre a usina e a comunidade (Nascimento, 2021).

Figura 4 - Elementos arquitetônicos da fachada. Fonte: Douglas Gonçalves di Pilla, 2019.

Figura 5 - Chaminé. Fonte: Luís Ramão Santos, 2022.

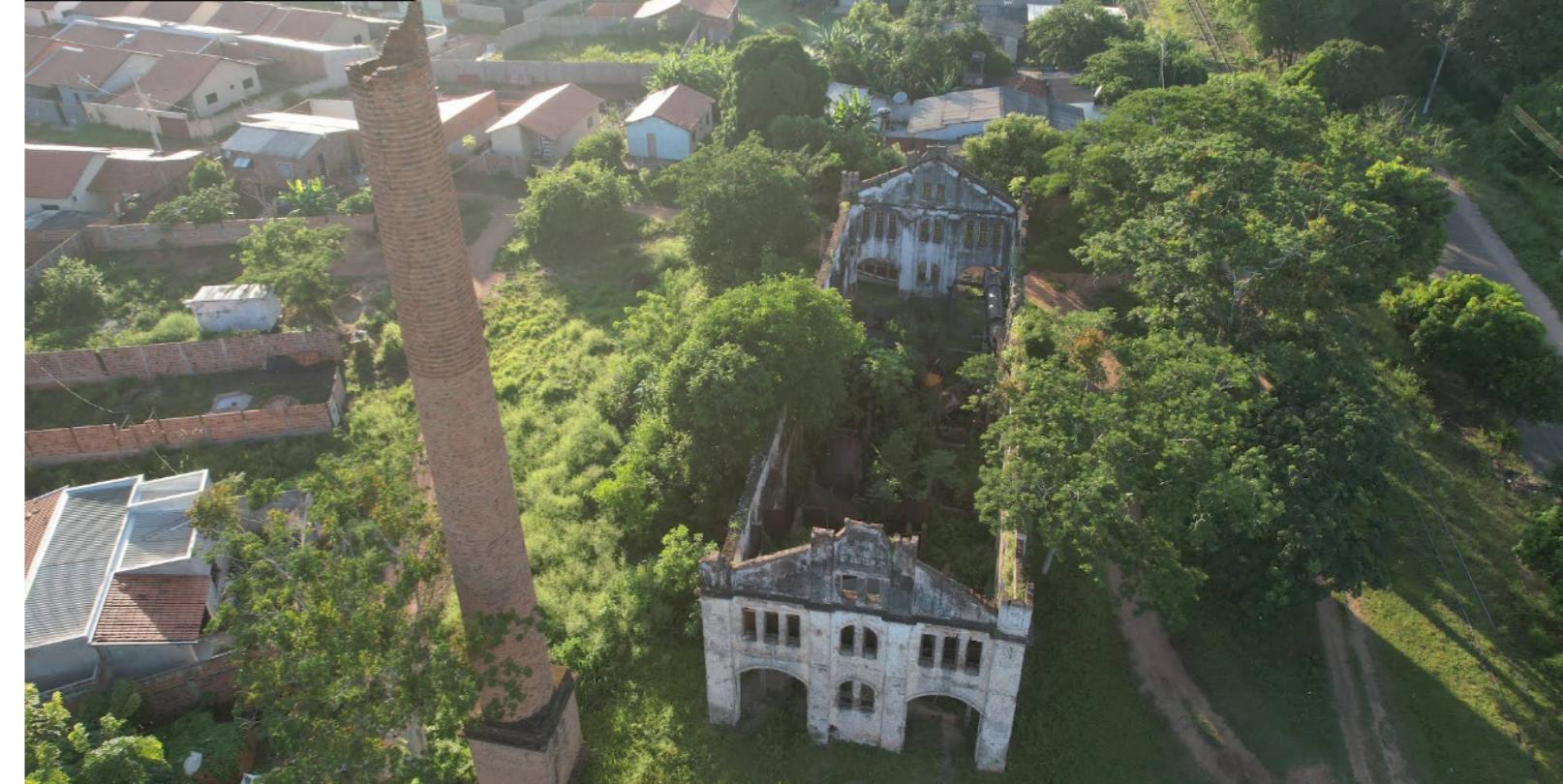


Em 13 de agosto de 2007, a Usina Assucareira Santo Antônio foi tombada como patrimônio histórico pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, reconhecendo sua importância histórica e cultural. No entanto, até o momento, os projetos de restauro da edificação não saíram do papel, e a estrutura permanece em estado de deterioração, representando um desafio para sua preservação.

A arquitetura por trás do patrimônio: Usina Assucareira Santo Antônio

As edificações industriais históricas apresentam características arquitetônicas distintas que refletem tanto sua funcionalidade quanto a estética de sua época. Um padrão recorrente em fábricas era a presença de uma torre central, que se destacava no conjunto volumétrico e enfatizava a entrada principal (figura 2). Essa torre, além de reforçar a verticalidade da construção por meio de elementos em relevo ou aberturas verticais, frequentemente exibia o nome da empresa e, em alguns casos, um relógio, representando a disciplina e o controle temporal característicos do mundo industrial (Correia, 2010, p. 17).

Em relação às técnicas construtivas, a padronização dos materiais e métodos era uma característica marcante dessas edificações. O uso da alvenaria de tijolos aparentes era comum, combinado com estruturas em ferro fundido ou aço, garantindo robustez e durabilidade (Meneguello et al., 2007). Muitas dessas estruturas metálicas eram importadas da Europa e montadas no Brasil, evidenciando a influência estrangeira



no desenvolvimento industrial do país. As coberturas, frequentemente compostas por estruturas metálicas ou de madeira, seguiam modelos típicos, como os telhados em *shed* ou em duas águas repetidas lado a lado, proporcionando ventilação e iluminação adequadas aos ambientes fabris.

Antes da disseminação da eletricidade, a iluminação natural era um aspecto fundamental no projeto desses edifícios. Para garantir ambientes internos bem iluminados e aumentar a eficiência do trabalho, utilizavam-se grandes aberturas nas fachadas, além de recursos como iluminação zenital, que permitia a entrada de luz pelo teto. Essa solução arquitetônica não apenas melhorava as condições de trabalho, mas também reduzia os custos operacionais, tornando a produção mais eficiente (Serrano, 2010).

A Usina Assucareira Santo Antônio é um exemplar significativo da arquitetura industrial do início do século XX, com características que refletem tanto as necessidades funcionais da produção de açúcar quanto as influências dos estilos arquitetônicos em alta na época, como o ecletismo e o *Art Déco*. O edifício foi projetado com uma tipologia simplificada, própria das construções industriais, destacando-se pelo seu grande galpão retangular, com uma torre central, pé-direito triplo, um pavimento principal e um mezanino (Freitas, 2022, p. 2).

As paredes da usina são compostas por alvenaria de pedra e tijolos maciços, material amplamente utilizado nas construções industriais da época, conferindo robustez à estrutura (Figura 3). A escolha por essa técnica construtiva é um reflexo da funcionalidade e durabilidade que eram essenciais para as instalações industriais. O projeto arquitetônico da usina, apesar de sua simplicidade, apresenta uma imponente presença, com formas que transmitem a ideia de grandeza e eficiência, próprias de uma fábrica de porte significativo (Freitas, 2022).

A arquitetura da usina também revela elementos característicos do estilo *Art Déco*, especialmente nas formas geométricas e na ornamentação discreta, que adicionam sofisticação ao edifício sem comprometer sua função primordial como uma unidade industrial (Figura 4). Esses detalhes estéticos são menos evidentes em relação a outras construções do período, mas estão presentes em elementos como as molduras e os acabamentos das aberturas, que conferem à usina um caráter distinto e único.

Figura 6 - Cobertura. Fonte: Renan Louzada, 2023.

Figura 7 - Árvores crescendo nas paredes. Fonte: Aline Althoff, 2022.



Um dos elementos mais emblemáticos da Usina Assucareira Santo Antônio é sua chaminé, que se destaca tanto pela sua altura quanto pela sua peculiaridade. De acordo com vídeos de entrevistas com ex-trabalhadores da usina, inicialmente construída com um erro de nível, a chaminé precisou ser desmontada parcialmente e reconstruída para atingir a altura desejada. Esse incidente, embora tenha representado um desafio técnico para os construtores da época, acabou tornando a chaminé um símbolo da história da edificação. A chaminé, com suas duas tonalidades distintas, é um dos detalhes arquitetônicos mais marcantes da usina, simbolizando a perseverança e a adaptação da construção aos desafios que surgiram durante sua edificação (Nascimento, 2021) (Figura 5).

Além disso, a usina possuía outros elementos arquitetônicos inovadores para a época, como encanamentos subterrâneos com registros de bronze e metal, e um poço artesiano que fornecia água para o funcionamento da fábrica. Esses detalhes estruturais eram fundamentais para o funcionamento eficiente da produção e evidenciam o nível de sofisticação tecnológica que a usina alcançou durante o período de sua operação (Nascimento, 2021).

A estrutura metálica de cobertura, que além de suportar o peso do telhado, também serve como uma importante componente da edificação, confere à usina uma característica única em termos de construção industrial. A utilização de ferro e aço como elementos estruturais reforça a solidez do edifício, permitindo que ele resista às intempéries e ao desgaste do tempo.

Em termos gerais, a Usina Assucareira Santo Antônio apresenta uma arquitetura que alia funcionalidade e estética, refletindo a importância da indústria no contexto socioeconômico de Miranda e de Mato Grosso do Sul. A preservação de suas características arquitetônicas é fundamental para garantir que o legado da usina seja mantido, não apenas como um testemunho da evolução industrial da região, mas também como um ícone da arquitetura e da história local.



O atual estado da Usina Assucareira Santo Antônio

A Usina Assucareira Santo Antônio é um importante marco histórico e arquitetônico, contudo, seu estado de conservação atual é preocupante. Apesar de ter sido tombada como patrimônio histórico pelo Governo do Estado 2007, a usina enfrenta um avançado processo de deterioração, resultado de anos de abandono, falta de manutenção adequada e ausência de medidas efetivas de preservação.

As características arquitetônicas originais da usina, embora ainda reconhecíveis, estão gravemente comprometidas. O grande galpão retangular, com seu pé-direito triplo, apresenta sérios danos estruturais. A cobertura metálica, que desempenhava um papel crucial tanto funcional quanto estético, encontra-se em colapso total, desabada em sua totalidade, deixando o edifício completamente exposto às ações do clima (Figura 6). Esse colapso compromete não apenas a integridade da construção, mas também expõe as paredes internas e os poucos elementos decorativos restantes à ação direta das intempéries.

As paredes de alvenaria de pedras e tijolos maciços, que outrora conferiam robustez ao edifício, hoje revelam sinais evidentes de desgaste. A erosão dos tijolos, causada pela umidade e pela ação do tempo, resultou em fissuras e rachaduras consideráveis, comprometendo a estabilidade das estruturas verticais. A árvore que cresceu encostada na parede lateral da Usina se fundiu às estruturas, aumentando o risco de danificação estrutural ou desabamento parcial desta parede, além de figueiras crescendo por toda a extensão das outras paredes da edificação, destruindo-as com o tempo (Figura 7). Também há indícios de remoção de componentes metálicos, como vigas e suportes, provavelmente retirados ao longo das décadas para revenda ou reutilização, o que agrava ainda mais a fragilidade estrutural.

Um dos elementos mais icônicos da Usina Assucareira Santo Antônio é sua chaminé, que se destacava tanto pela altura quanto pela peculiaridade de suas duas tonalidades, resultado de uma reconstrução após um erro de nível durante sua construção original. Hoje, a chaminé exibe grandes trincas em sua superfície, indicando risco iminente de colapso (Figura 8). A perda dessa estrutura representaria um dano irreparável ao conjunto arquitetônico e ao simbolismo histórico da usina.

Figura 8 - Danos da chaminé. Fonte: Alisson Campos, 2023.



Outros elementos arquitetônicos também estão à beira da ruína. O mezanino, anteriormente sustentado por uma complexa estrutura metálica, apresenta partes completamente comprometidas pela ferrugem e, em algumas áreas, já não existe mais. As aberturas das fachadas, que seguiam padrões estilísticos inspirados no *Art Déco*, perderam grande parte dos detalhes ornamentais, e muitas molduras estão destruídas ou severamente danificadas (Figura 9).

O sistema de encanamento subterrâneo, que incluía registros de bronze e metal, também foi parcialmente saqueado ao longo dos anos, restando apenas fragmentos corroídos. O poço artesiano, outrora essencial para o funcionamento da usina, encontra-se lacrado, sem qualquer plano de reativação ou restauro (Nascimento, 2021).

Considerações finais

O estudo sobre a Usina Assucareira Santo Antônio e o patrimônio industrial de Mato Grosso do Sul evidencia a relevância dessas estruturas não apenas como testemunhos materiais do processo de industrialização no estado, mas também como elementos fundamentais da memória coletiva. A arquitetura industrial, muitas vezes subestimada em sua importância histórica e estética, representa um capítulo essencial da evolução econômica e social da região, refletindo as transformações tecnológicas e culturais que moldaram seu desenvolvimento.

A análise realizada demonstrou como a Usina Assucareira Santo Antônio, assim como outros bens industriais tombados, apresenta características arquitetônicas singulares, fortemente vinculadas às necessidades funcionais da época e às influências estilísticas do início do século XX. No entanto, também se constatou um avançado estado de deterioração em diversos aspectos da estrutura, comprometendo sua integridade física e seu valor patrimonial. A perda de elementos originais, as modificações inadequadas e a ação do tempo tornaram urgente a implementação de políticas de conservação e restauro que garantam a preservação desse legado.

A necessidade de preservação do patrimônio industrial transcende a simples manutenção de edifícios antigos. Esses espaços possuem um potencial significativo para a requalificação urbana, podendo ser integrados a novas funções que respeitem sua

memória histórica e, ao mesmo tempo, contribuam para o desenvolvimento econômico e social das comunidades locais. O exemplo de outras regiões que adotaram estratégias bem-sucedidas de reuso adaptativo demonstra que a conservação do patrimônio industrial pode gerar benefícios culturais, turísticos e educativos, consolidando-se como um vetor de desenvolvimento sustentável.

Além disso, a pesquisa evidenciou a carência de políticas públicas eficazes voltadas para o patrimônio industrial sul-mato-grossense. Embora o tombamento represente um passo importante para o reconhecimento desses bens, ele não é, por si só, suficiente para garantir sua proteção. O envolvimento de diferentes agentes – poder público, iniciativa privada e sociedade civil – é essencial para que estratégias de preservação sejam viabilizadas e para que se estabeleça um modelo de gestão eficiente, capaz de assegurar a longevidade dessas edificações.

Por fim, este estudo reforça a importância da valorização do patrimônio industrial como parte da identidade cultural de Mato Grosso do Sul. A Usina Assucareira Santo Antônio, assim como outras estruturas industriais tombadas, carrega consigo não apenas a materialidade da produção açucareira e industrial da região, mas também as narrativas das pessoas que ali trabalharam e contribuíram para o desenvolvimento local. Seu resgate e preservação representam um compromisso com a história, com a memória coletiva e com as futuras gerações, garantindo que esse legado não se perca no tempo, mas continue a inspirar e ensinar sobre as raízes e os caminhos trilhados pelo estado.

Referências

- BRAGHIROLI, Ângelo. Patrimonio industrial en Brasil. *DEARQ - Revista de Arquitectura / Journal of Architecture*, Bogotá, v. 6, p. 158-171, 2010. Universidad de Los Andes.
- CORREIA, Telma de Barros. O art déco na arquitetura brasileira. *Revista UFG*, v. XII, n. 8, 2010.
- COSSONS, Neil. *BP book of industrial archaeology*. London: David and Charles, 1975. 502 p.
- DERRUAU, Max. *Geografia humana*. Portugal: Editorial Presença, 1977. 2 v. (Biblioteca de Textos Universitários).
- FREITAS, Vivianne Maria de; CHAPARRO, Giovane Teodoro de Brito. *Patrimônio industrial em Mato Grosso do Sul: existe?* [S.I.: s.n.], [s.d.].
- FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MATO GROSSO DO SUL. *Relação de bens materiais e imateriais do Estado do Mato Grosso do Sul*. Mato Grosso do Sul: FCMS, 2021. 23 p.
- KÜHL, Beatriz Mugayar. Algumas questões relativas ao patrimônio industrial e à sua preservação. *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN*. Brasília: [s.n.] [s.d.]. 14 p.
- MENEGUELLO, Cristina et al. Demolição de galpões industriais na Mooca: descaso e impunidade. *Vitruvius*, São Paulo, 2007.
- MENEGUELLO, Romolo; CORREIA, Telma de Barros; SERRANO, Luiz. *A identidade do patrimônio industrial edificado*. PUC-Rio, 2011, p. 49-79.

ROSA, Carolina Lucena. O patrimônio industrial: a construção de uma nova tipologia de patrimônio. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.

SERRANO, Ana. *Reconversão de espaços industriais: três projectos de intervenção em Portugal*. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Instituto Superior Técnico, Lisboa. Disponível em: <https://fenix.tecnico.ulisboa.pt/downloadFile/395142134689/Ana%20Serrano%20-%20Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2025.

USINA Açucareira Santo Antônio (Miranda-MS). [S.I.: s.n.], 2021. Disponível em: <https://youtu.be/4VIK0vOEhwk?si=qkROZbfcVvQ8fQJW>. Acesso em: 6 mar. 2025.